

O senhor dos anéis: uma crítica a modernidade

Andrey Augusto Ribeiro dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho pretende mostrar os resultados obtidos até agora nesta pesquisa que pretende analisar as representações medievais presentes em *O Senhor dos Anéis*. Através da análise desta obra e de dados biográficos do autor, John Ronald Reuel Tolkien, pretendo demonstrar como as experiências vividas por este durante o chamado Século Sombrio, século XX, o levaram a desenvolver uma intensa aversão as noções de modernidade e progresso da época. Esta aversão, que transparece nas suas obras, unida a outros fatores de sua personalidade, o faziam culpar as diversas transformações que ocorriam na sua época pelas mazelas do mundo em que viveu, recorrendo assim a uma representação de Medievo nas suas obras como meio de fuga da realidade de sua época.

Palavras-chave: Século XX, História e Literatura, Idade Média e contemporaneidade.

The Lord of the Rings: a criticism of modernity

Abstract: This paper presents the results of a research about the influences of the twentieth century in *The Lord of the Rings* of J.R.R. Tolkien, and how these influences did the author give a Medieval background to his work.

Keywords: Twentieth century, History and Literature, Middle age and contemporaneity.

Artigo recebido em 28/03/2014 e aceito em 30/04/2014.

Introdução

*“Três anéis para os Reis-Elfos sob este céu,
Sete para os Senhores-Anões em seus rochosos corredores,
Nove para Homens Mortais, fadados ao eterno sono,
Um para o Senhor do Escuro em seu escuro trono
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.
Um Anel para a todos governar, Um Anel para encontrá-los,
Um Anel para a todos trazer e na escuridão aprisioná-los
Na Terra de Mordor onde as Sombras se deitam.”¹¹*

Com estes versos tem início *O Senhor dos Anéis*, obra que seria uma das mais conhecidas da literatura do século XX. Escrita pelo professor John Ronald Reuel Tolkien, a trama conta mais um episódio da história da Terra Média, lugar fictício criado pelo autor e que já tinha sido mostrado ao mundo em *O Hobbit*, livro infantil lançado dezessete anos antes e que fez com que os editores pedissem mais histórias sobre hobbits.

O sucesso das duas obras se estende até hoje fazendo com que reúna uma grande quantidade de fãs pelo mundo, além de possuir uma grande influência em outros produtos do mercado de entretenimento, desde os chamados RPGs (Rolling Playing games) até o cinema. Neste último é onde a obra se mostra especialmente forte, a adaptação de *O Senhor dos Anéis*, lançada numa trilogia de filmes entre os anos de 2001 e 2003 fez um enorme sucesso e até conseguiu igualar o número de Oscar de grandes clássicos como *Titanic*. Nove anos depois, começou a ser lançada outra trilogia, desta vez adaptando *O Hobbit*, que mesmo sem ainda ter se completado já rendeu altos lucros aos responsáveis.

Ao ler os livros, são facilmente perceptíveis algumas influências e inspirações utilizadas pelo autor, conscientemente ou não. Sua experiência com idiomas antigos do norte europeu advinda da sua formação como filólogo, sua forte religiosidade e uma certa aproximação com a Idade Média nos seus cenários são alguns dos aspectos que saltam à vista, este último em especial foi o que me chamou a atenção para esta pesquisa.

Sabendo como a Literatura sempre foi uma área próxima da História, inclusive suscitando por muito tempo discussões sobre suas semelhanças e diferenças, e de como esta tem o poder de demonstrar através de mundos imaginários, experiências e opiniões de autores sobre o seu mundo, revelando aspectos menos visíveis aos historiadores sobre um certo período é que pensei em pesquisar o que o fato de um homem que viveu no século XX utilizar este fundo medieval na sua obra pode nos revelar.

Biografia

Para começarmos a entender a obra de um autor, precisamos entender um pouco sobre sua vida e as experiências que provavelmente refletiram nos seus escritos. Segundo Michael White, na biografia intitulada *J.R.R. Tolkien, o senhor da fantasia*, John Ronald Reuel Tolkien nasceu na cidade de Bloemfontein, África do Sul em 1892. Seu pai, Arthur Reuel Tolkien, trabalhava para o Lloyds Bank, e atraído pelas riquezas minerais sul-africanas conseguiu ser transferido para este país, onde veio a se casar com Mabel Suffield. Porém, Arthur Tolkien contrai a febre reumática, que agravada pelo clima sul-africano o leva a óbito em 1895, deixando os dois filhos com poucas recordações dele e fazendo com que a família tenha de voltar a morar definitivamente na Inglaterra, numa péssima situação financeira, agravada após a conversão de sua mãe ao catolicismo, o que fez com que os familiares dela, de origem anglicana, cortassem o apoio financeiro que forneciam aos Tolkien.

Assim, passaram a morar numa casa de campo em Sarehole. Esta região deixa uma boa lembrança marcante no escritor, que se expressa em suas obras nas verdes e pacíficas paisagens do Condado. Porém, Mabel Suffield morre de diabetes em 1904, a doença na época era ainda considerada incurável, deixando seus filhos aos cuidados do padre Francis Xavier Morgan. Este zelará pelos estudos de Tolkien, que consegue ingressar em Oxford, se formando em letras em 1915, com um first, nota mais alta do exame.

Logo após, ele imediatamente se apresenta para combater junto ao exército inglês na Primeira Grande Guerra Mundial. Neste conflito, o escritor atuou no 11º batalhão do Lancashire Fusiliers como segundo-tenente. Eram frequentes, por parte dele para sua futura esposa Edith Bratt, cartas com queixas sobre os dias de treinamento, como esta:

O tipo usual de manhã para se ficar em pé congelando e depois trotar para se aquecer simplesmente para se congelar uma outra vez. Terminamos com um lançamento de bombas falsas de uma hora. Almoço e tarde enregelante. Repetimos a toda velocidade e transpiração todos os dias quentes de verão, e agora ficamos de pé em grupos gelados ao ar livre ouvindo sermões! Chá e outra disputa renhida – lutei por um lugar perto do fogão e fiz uma torrada na ponta de uma faca: que dias!.^{III}

Finalmente, lutou na batalha do Somme, na ofensiva aliada de 1º de Julho de 1916, na França, um grande conflito que, devido a estratégia de trincheiras ficou conhecido principalmente pelo desperdício de vidas de soldados, já que nenhum dos lados conseguiu ganhar muito terreno. Ao contrair tifo, doença transmitida pelos animais que dividiam as trincheiras com os soldados, piolhos principalmente, ele precisou se afastar do serviço militar, tendo de retornar a Inglaterra onde passou mais de dezoito meses entre frequentes recaídas, sendo assim impossibilitado de voltar ao campo de batalha.

Durante esta convalescência começaram a germinar as primeiras sementes de *O Silmarillion*, obra que foi o pontapé inicial do mundo ao qual também pertencem *O*

Hobbit e *O Senhor dos Anéis*. Esta encarna o desejo de Tolkien de criar uma mitologia inglesa, que para ele não tinha um conjunto significativo de lendas escritas que formassem uma mitologia completa, baseada principalmente em mitos nórdicos e valores cristãos.

Um dos traumas deixados pela Primeira Guerra foi a perda de seus grandes amigos de infância, Rob Gilson e G. B. Smith, companheiros e co-fundadores do *Tea Club and Barrovian Society*, clube de leitura da época colegial de Tolkien. Eles perecem no campo de batalha deixando apenas Christopher Wiseman e Tolkien como remanescentes. Com o fim do conflito, depois de trabalhar como linguista no *The New English Dictionary* e como professor no Departamento de Letras da Universidade de Leeds, Tolkien consegue a cadeira de Inglês Antigo em Oxford, já em 1925.

É neste ambiente acadêmico que, junto a outros linguistas, através de grupos de leitura onde eram compartilhados escritos de cada membro, Tolkien começará a desenvolver sua criatividade. Foi em um destes clubes, *The Inklings*, que ao ler uma história, criada a partir de um insight durante correções de provas, e desenvolvida em forma de contos de dormir para seus filhos, Tolkien começou a produzir *O Hobbit*. Este livro foi publicado em Londres, no ano de 1937, e nos EUA em 1938, tendo sucessivas edições. A obra fez tanto sucesso nos dois países que a editora pediu mais escritos sobre hobbits, Tolkien ofereceu *O Silmarillion* e outros materiais que ele já tinha, porém, estes não estavam de acordo com o pedido. Assim ele se comprometeu a preparar uma nova história, a qual dedicou treze anos da sua vida e que deu o título de *O Senhor dos Anéis*.

Ele a escreveu principalmente durante os anos da Segunda Guerra Mundial, com sucessivos períodos de pausas e aceleramentos na escrita e, segundo o próprio autor a história acabou:

Esquecendo-se das crianças, tornando-se mais assustadora do que *O Hobbit*. Ela pode mostrar-se bastante inadequada. É mais “adulta” – mas meus próprios filhos, que fazem críticas a ela tal como se encontra, estão agora mais velhos. Espero, no entanto, que o senhor julgue isso por si mesmo algum dia! A escuridão dos dias atuais teve algum efeito sobre ela, embora não seja uma alegoria.^{IV}

Devido ao seu excessivo perfeccionismo, a narrativa só foi concluída em 1949. Houveram sérios problemas quanto a viabilidade de publicação, devido ao desejo teimoso de Tolkien para que o lançamento fosse feito junto a *O Silmarillion* e sem a divisão do livro que possuía mais de meio milhão de palavras, o que era uma jogada muito cara e perigosa para qualquer editora da época. Com o passar do tempo ele teve que reconsiderar sua posição e ceder, lançando a obra em três volumes entre 1954 e 1955, que foram muito bem recebidos pelo público.

Em 1968, com a chegada conturbada do livro aos EUA, *O Senhor dos Anéis* já tinha mais de três milhões de exemplares vendidos e a vida de Tolkien havia mudado bruscamente devido ao sucesso. Uma enxurrada de cartas de fãs invadia sua casa frequentemente, ele recebia ligações de pessoas no meio da madrugada que não levavam em conta a diferença de fuso horário. Em um episódio estranho, alguns fãs chegaram até a acampar no gramado em frente a sua casa na esperança de vê-lo^V.

Após o sucesso dos primeiros lançamentos, foi-lhe possibilitada a publicação de *O Silmarillion*, porém, seu exagerado perfeccionismo e o desânimo causado tanto pelo envelhecimento quanto pela morte de sua esposa Edith Tolkien, falecida em 1971, o levaram a não concluí-lo antes de sua morte em 1973, aos 81 anos de idade. Seu filho mais novo, Christopher Tolkien, foi o responsável pela organização, edição e publicação de seus escritos póstumos e é o atual detentor dos direitos sobre a obra do professor.

Reflexos na obra

Para a pesquisa, a primeira escolha a ser feita foi quanto a qual documentação utilizar. Como já citei anteriormente, a obra de Tolkien pode ser encontrada em duas formas, os filmes e os livros, e é evidente que os dois formatos possuem linguagens diferentes e precisam de metodologias distintas para que sejam analisados. A escolha foi de trabalhar com os livros, mais especificamente com *O Senhor dos Anéis*, por serem produtos mais diretamente ligados ao autor do que os filmes, produzidos muitos anos após a morte de Tolkien, pertencendo a outro contexto histórico e tendo passado também pelas transformações necessárias para que se adaptassem a linguagem cinematográfica.

O tempo histórico em que Tolkien estava inserido, junto a sua biografia, podem nos dar um melhor entendimento sobre alguns aspectos de sua obra. Apesar das negações sustentadas por ele, se pararmos para analisar, encontraremos vários aspectos da sua vida refletidos na história e nos personagens da Terra Média. Percebemos que, neste caso, como afirmado pela autora Maria Aparecida Baccega:

O discurso literário pode ser visto como a apresentação, através da palavra, de um pensamento, de uma “visão de mundo” do autor, denominado “autor implícito”. O autor implícito escolhe conscientemente tudo aquilo que lemos; inferimo-lo como versão criada, literária, ideal dum homem real - ele é a soma das opções deste homem. O autor implícito é, portanto, uma criação de um indivíduo/sujeito, de um homem real. Ele dirige a escolha dos acontecimentos que compõem o romance. Ele se mostra, normalmente, através do narrador, das personagens e de outros procedimentos linguísticos que estão a disposição dele nos processos discursivos. (...) A produção literária não fará “discursos” sobre o conteúdo que pretendeu abordar e dos quais retirou as palavras: vai apresenta-los através de operações linguísticas que possibilitarão ao leitor reconhecer, em outra dimensão, o conteúdo que ela propôs tratar.^{VI}

Tolkien não apreciava as profundas transformações que estavam ocorrendo durante seu tempo e ainda teve de enfrentar os horrores do séc. XX, uma época onde as esperanças depositadas na tecnologia e nos ideais da Revolução Francesa foram destruídas devido a violência das duas Grandes Guerras e todos os seus desdobramentos. Estes acontecimentos teriam deixado fortes impressões no escritor que resultariam, por exemplo, numa perda da fé no progresso e na tecnologia, o que o fez desenvolver uma grande aversão a modernidade.

Esta aversão fica bem evidente em alguns pontos das suas obras, podemos começar pelos Orcs, Ents e as águias gigantes, grupos de personagens que tem papéis militares muito importantes na narrativa, todos os três são personagens ativos nas obras e demonstram um pouco da visão de Tolkien sobre seu tempo.

Os Orcs se constituem numa raça deformada e decaída, supostamente descendentes de elfos corrompidos, que possuem uma ambição descontrolada por máquinas e coisas engenhosas. Eles sempre são mostrados como os inimigos dos homens ao lado do senhor do escuro, Sauron. Representariam o Homem seduzido pelo progresso e pela ambição, como podemos retirar de uma carta onde o autor afirma que pensa

Nos orcs como uma criação tão real quanto qualquer coisa na ficção 'realista'(...), apenas na vida real eles estão em ambos os lados, é claro. Pois o 'romance' se originou da 'alegoria' e suas guerras ainda são produzidas a partir da 'guerra interior' da alegoria da qual o bem está de um lado e várias formas de maldade estão no outro. Na vida real(exterior) os homens estão dos dois lados: o que significa uma aliança diversificada de orcs, feras, demônios, homens simples naturalmente honestos e anjos.^{VII}

Outro traço que simbolizaria ainda essa repulsa seria o papel da natureza nas suas obras, esta que no mundo real estava sendo engolida pelas máquinas sem ter como se defender. Na obra, ela é representada principalmente pelas águias gigantes e pelos Ents, ou pastores de árvores, que podem repreender, repudiar e reagir as ações de outros seres com que não concordem ou que se mostrem como ameaça. Estes são como uma resposta dada a natureza pelo autor as agressões empreendidas pela busca incessante pelo progresso. Na obra isto aparece através de uma hostilidade por parte das florestas, como a Floresta Velha ou a Floresta de Fangorn, quanto a outros seres, como expresso nesta passagem onde os pensamentos das árvores são desnudados revelando como estes "(...) eram obscuros e estranhos, cheios de um ódio pelas coisas que circulam livres sobre a terra, roendo, mordendo, quebrando, cortando, queimando: destruidores e usurpadores."^{VIII}

Ou neste trecho onde o personagem Barbávore, comenta sobre a traição de Saruman, afirmando que este "tem um cérebro de metal e rodas, não se preocupa com os seres que crescem, a não ser enquanto o servem"^{IX}. Isso pode muito bem demonstrar como Tolkien julgava a posição dos homens quanto ao meio ambiente, que como já citei, no mundo real estava sendo engolida pelas máquinas e pelo progresso, e realmente há uma carta onde o autor afirma estar sempre ao lado da natureza em suas histórias devido a um comentário mal colocado num artigo da *Daily Telegraph* sobre sua postura quanto as árvores.^X

Outra raça que também aparece nas obras são os Orientais e os chamados Haradrim, estes são descritos como homens que devido a uma traição ocorrida nos primórdios da Terra Média são apontados como bárbaros e inimigos dos homens, lutando também ao lado de Sauron. Já que, segundo o próprio Tolkien, a Terra Média corresponderia a Europa, geograficamente falando, estes povos poderiam expressar os inimigos que na maioria das vezes vem do leste^{XI} como o próprio autor cita, em uma carta onde comenta como as interpretações sobre as alegorias na história parecem bastante justas, mesmo que ele não concorde com elas.

Não podemos nos esquecer de um dos personagens principais, o hobbit Frodo, que sempre foi apontado como um reflexo de Tolkien. O modo de vida dos hobbits, calmo e aconchegante, num local verde e tranquilo chamado de Condado, representava o estilo de vida predileto do escritor, inclusive com este local sendo apontado como um paralelo a zona rural de Sarehole, local onde a família Tolkien morou por um tempo e que trazia boas lembranças a sua memória.

Outra experiência da vida do autor presente nas obras foi sua passagem pela Primeira Guerra Mundial. Podemos ver isto em Frodo, que sai do pacífico Condado numa jornada tida em muitos momentos como suicida em direção a Mordor, quartel general de Sauron, com a intenção de destruir o Um Anel. Nesta missão também o acompanham três amigos de infância: Sam, Merry e Pippin. A experiência vivenciada pelo personagem se aproxima muito da vivida por Tolkien na Primeira Guerra, no caso o choque causado pelo campo de batalha, onde também lutaram três de seus grandes amigos de infância, Rob Gilson, G. B. Smith e Cristopher Wiseman, os dois primeiros vindo a óbito durante o conflito.

Esta experiência também se evidenciaria neste trecho:

Nas poças, quando as velas estão acesas. Jazem em todas as poças, rostos pálidos, nas profundezas das águas escuras. Eu os vi: rostos repugnantes e maus, e rostos nobres e tristes. Muitos rostos altivos e belos, e ervas em seus cabelos prateados. Mas todos nojentos, podres, todos mortos.”^{XII}

O local chamado de Pântanos mortos, descrito parcialmente acima, lembra em muito na sua descrição uma trincheira da Primeira Guerra onde os soldados tinham de dividir espaço com animais como ratos e piolhos, em trincheiras alagadas com água da chuva que após alguns dias acumulava sujeira e também cadáveres, muitas vezes já em estado avançado de putrefação, como as chamadas Velas dos Mortos que habitam estes pântanos em *O Senhor dos Anéis*.

Outra questão típica do séc. XX abordada na obra é a verdadeira função da ciência. Este aspecto fica bem evidente em dois personagens que acabam, de alguma forma, se tornando antagônicos, os magos Gandalf e Saruman. Os dois são seres superiores e sábios, porém, Saruman se deixa ser corrompido pelo Poder, ao contrário de Gandalf. Isso fica evidente no trecho em que ele afirma a Gandalf que

Os dias antigos se foram. Os dias médios estão passando. Os dias mais jovens estão começando. A época dos elfos se acabou, mas nosso tempo está chegando: o mundo dos homens, que devemos governar. Mas precisamos de poder, poder para ordenar todas as coisas como queremos, para o bem que apenas os sábios podem enxergar.^{XIII}

Poderíamos dizer com isso, que Tolkien estaria mostrando sua opinião sobre o que acreditava ser o verdadeiro papel da ciência, também baseado nas suas experiências particulares. No caso, outra vez o modo como os avanços tecnológicos, que eram tão esperados como salvação para a humanidade no século XX, acabaram sendo utilizados para ceifar uma enorme quantidade de vidas nas duas Grandes Guerras e outros conflitos, apenas em nome da ambição e estupidez humana, como o próprio pensava.

Com as afirmações contidas neste tópico podemos dizer que Tolkien, como uma voz dissonante em um mundo onde cada vez mais a máquina e a tecnologia cresciam como sinônimos de modernidade e progresso, acaba se utilizando de uma obra de fantasia para se posicionar contra essas transformações, que tinham muito espaço na sociedade da sua época.

Utilizando a Idade Média como um refúgio a sua realidade e ao trauma deixado nele, voltamos mais uma vez a imagem inocente da Idade Média como motivo para o autor a utilizar como plano de fundo de sua obra. Na falta de um presente que entusiasme e diante de um futuro inquietante, surge o passado como uma fuga para épocas as quais estão perdidas para sempre. Assim é que surge uma suposta Idade Média povoada por magos, guerreiros, guerras contra o Mal e florestas habitadas por seres fantásticos. Esta representação ainda é uma grande cartada para a indústria do entretenimento, o que justificaria o sucesso prolongado de *O Senhor dos Anéis* junto a tantas outras obras, filmes e séries com temática parecida.

Conclusão

Após todos estes paralelos, penso que podemos defender que Tolkien, como expectador de grande parte dos eventos do chamado Século sombrio, o século XX, e opositor das mudanças trazidas pela modernidade, para ele representada através principalmente da máquina, teria dado um fundo medieval à suas obras numa tentativa de fuga do seu tempo, se refugiando numa Idade Média utópica povoada por magos e monstros, onde as noções de progresso e tecnologia, que ele tanto repudiava, estavam representadas num grande Mal a ser combatido. Deixando bem claro que, com esta pesquisa, não pretendo reduzir a obra a uma alegoria sobre o século XX, mas sim, analisar apenas algumas influências que o autor deixa aparecer na obra junto a muitas outras.

Como maior dificuldade para o desenvolvimento da pesquisa posso apontar o receio de estudar as chamadas obras de fantasia, mais enfraquecido atualmente, mas que por muito tempo esteve presente na academia. Devido a este preconceito o volume de trabalhos sobre estes produtos é bem reduzido, mesmo com o relativo crescimento no número de pesquisadores no estudo das chamadas Medievalidades, e os que são produzidos costumemente sofrem com a desvalorização.

A própria obra tolkiana foi classificada por muito tempo como subgênero literário e teve de enfrentar a desvalorização empreendida por aqueles que acreditavam na noção de que ela não poderia ser “*de modo algum considerada uma narração de alta qualidade*”, como registrado na opinião de Anders Österling, um dos membros do júri

do Nobel de Literatura quando C. S. Lewis, amigo de longa data de Tolkien, o indicou para o prêmio em 1961.

Além disso, para aumentar sua desvalorização, ainda foi classificada como vazia frente à crítica marxista, doutrina que dominou o meio acadêmico durante muito tempo. Esta linha dizia que o grande número de vendas era uma prova da falta de qualidade literária e a classificava como representante da literatura escapista que procurava evitar o engajamento político e a análise social.

Porém, esta situação vem aos poucos mudando e esta temática de estudos vem crescendo dentro da História. Afinal, como afirmou Lenita Maria Rimoli Esteves^{XIV}, em entrevista feita à Revista *Brathair*, quando perguntada sobre a tendência à desconsideração da obra de Tolkien e da literatura fantástica como objeto de estudo pela academia no Brasil e em todo o mundo:

Hoje em dia, é perfeitamente aceitável você fazer uma pesquisa sobre novelas, músicas bregas ou qualquer outra produção de nossa cultura, justamente porque qualquer objeto de uma cultura merece (e deveria) ser estudado. Aliás, acho que faz mais sentido estudar o que é consumido pelas massas do que pesquisar um escritor que é lido por meia dúzia de cultos especialistas^{XV}.

Concluindo, considero que a iniciativa de pesquisar tal temática está de acordo com toda uma nova tendência e preocupação dos estudiosos do Medievo. Além disso, é uma oportunidade para que possamos perceber a maneira como o homem ocidental contemporâneo lida com a Idade Média, um passado aparentemente tão distante e que, desde o Renascimento tem sido legado apenas a um período de trevas e estagnação situado entre a Antiguidade e a Modernidade.

NOTAS

^I Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe, Bolsista do Programa de Educação Tutorial do curso de História e Integrante do Vivarium – Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo (Núcleo Nordeste). Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro.

^{II} TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis**. Volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

^{III} CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher. **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

^{IV} Idem

^V WHITE, Michael. **J.R.R. Tolkien: O Senhor da fantasia**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2013.

^{VI} CRISTELLI TEIXEIRA, Paulo A. **Magia e Tecnologia a serviço da Verdade: “O Senhor dos Anéis” e a crítica a modernidade**. 2011. 184p. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

^{vii} CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher. **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

^{viii} TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis**. Volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

^{ix} Idem

^x Idem

^{xi} Idem

^{xii} TOLKIEN, J.R.R. **O Senhor dos Anéis**. Volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

^{xiii} Idem

^{xiv} Professora do departamento de linguística da Universidade de São Paulo (USP) e tradutora para português dos volumes de *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*.

^{xv} ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. Tolkien e a literatura Celto-Germânica. Entrevista realizada por CAMPOS, Luciana de; LANGER, Johnni. **Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 5, n. 1, p. 151-154, 2005. Disponível em: http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/tolkien_e_a_literatura_celto.pdf.

Referências Bibliográficas:

ALVARO, B.G.; PRATA, R.C. As ideias não correspondem aos fatos: Luzes sobre a Idade Média. **Gnarus: Revista de História**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.10-15, nov. 2012. Disponível em: <http://issuu.com/gnarusrevistadehistoria/docs/gnarus1>

CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher. **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRISTELLI TEIXEIRA, Paulo A. **Magia e Tecnologia a serviço da Verdade: “O Senhor dos Anéis” e a crítica a modernidade**. 2011. 184p. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. Tolkien e a literatura Celto-Germânica. Entrevista realizada por CAMPOS, Luciana de; LANGER, Johnni. **Brathair - Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 5, n. 1, p. 151-154, 2005. Disponível em: http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/tolkien_e_a_literatura_celto.pdf

MACEDO, José Rivair. **Introdução - Cinema e Idade Média: perspectivas de abordagem**. In: ____; MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). *A Idade Média no cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MONTEIRO, Maria do Rosário. O Senhor dos anéis: Mitos, História e Fantasia. **Revista História**, ano XXIV, Série III, p. 53-55, jan. 2003. Disponível em: http://www.fesh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/LOTR_rmonteiro.pdf

MOTTA, Márcia Maria M. A Primeira Grande Guerra. In: FERREIRA, J.; REIS FILHO, D.A.; ZENHA, C. (Orgs.). **O século XX: o tempo das certezas – da formação do capitalismo à Primeira Grande Guerra Mundial**. Civilização Brasileira, 2005.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. O século XX: entre luzes e sombras. In: **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.

TOLKIEN, J.R.R. **O Hobbit**. 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **O Senhor dos Anéis**. Volume único. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O Silmarillion**. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VINCENT, Gerárd. 1939-45: Guerras ditas, Guerras silenciadas e o enigma identitário. In: PROST, Antoine; VICENT, Gerárd. **História da vida privada vol. 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

WHITE, Michael. **J.R.R. Tolkien: O Senhor da fantasia**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2013.

Referências virtuais:

SANTOS, A. A. R. **A Idade Média Midiática**. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/educacao//ler.asp?id=135720>. Acesso em: 23 de Fevereiro de 2013.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext Acesso em: 24 de Agosto de 2013

Por que Tolkien não ganhou o Nobel? Disponível em: <http://literatorura.com/2013/09/por-que-j-r-r-tolkien-nao-ganhou-o-nobel-de-1961/>, Acesso em: 25 de Setembro de 2013.

Tolkien: Mestre da Terra Média. Disponível em: <http://legio-victrix.blogspot.com.br/2012/12/tolkien-mestre-da-terra-media.html>. Acesso em: 26 de Fevereiro de 2013.